

VIOÊNCIA OBSTÉTRICA NA VISÃO DE ENFERMEIRAS OBSTETRAS

OBSTETRIC VIOLENCE FROM THE PERSPECTIVE OF OBSTETRIC NURSES

LA VIOLENCIA OBSTÉTRICA DESDE LA PERSPECTIVA DE LAS ENFERMERAS OBSTÉTRICAS

Erika Fernandes da Silva¹
Fernanda Sacramento das Neves²
Karolyne Araujo Olimpio da Silva³
Enimar de Paula⁴
Wanderson Alves Ribeiro⁵

RESUMO: **Introdução:** A violência obstétrica é uma questão que envolve complexas interações entre fatores culturais, sociais e institucionais, e sua abordagem requer uma perspectiva multidisciplinar, a inclusão da visão das enfermeiras obstetras é fundamental para desenvolver intervenções eficazes que promovam um ambiente de parto seguro e respeitoso. **Objetivo:** Investigar as percepções dessas profissionais sobre a violência obstétrica. **Metodologia:** Este estudo foi conduzido por meio de revisão de literatura de natureza qualitativa, com o propósito de reunir e analisar criticamente produções acadêmicas que abordam a percepção de enfermeiras obstetras sobre a violência obstétrica. **Análise e discussão dos resultados:** A partir da leitura e análise dos textos selecionados, emergiram três categorias principais de discussão: Reconhecimento da violência obstétrica no cotidiano das enfermeiras obstetras, Desafios enfrentados na prática profissional frente à institucionalização da violência, e Estratégias e caminhos apontados para a humanização da assistência ao parto. **Conclusão:** Conclui-se que a humanização da assistência ao parto e a erradicação da violência obstétrica dependem de uma mobilização coletiva que envolva gestores, profissionais de saúde, instituições formadoras e a própria sociedade, é preciso transformar não apenas os protocolos e estruturas físicas, mas também as relações de poder e os valores que orientam a prática obstétrica, nesse sentido, a escuta qualificada, o respeito à subjetividade da mulher e a valorização do cuidado como ato ético e político devem guiar todas as ações voltadas ao parto e nascimento, garantindo um processo seguro, acolhedor e humanizado.

63

Descritores: Violência Obstétrica. Visão da Enfermagem. Enfermagem Obstétrica.

¹Enfermeira. Pós-graduanda em Enfermagem em Obstetrícia pela Universidade Iguazu.

²Enfermeira. Pós-graduanda em Enfermagem em Obstetrícia pela Universidade Iguazu.

³Enfermeira. Pós-graduanda em Enfermagem em Obstetrícia pela Universidade Iguazu.

⁴Enfermeiro. Mestre em Saúde Materno-Infantil Faculdade de Medicina - Universidade Federal Fluminense - UFF. Docente do curso de Graduação em Enfermagem da UNIG. Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Enfermagem em Obstetrícia da Universidade Iguazu.

⁵Enfermeiro. Mestre, Doutor e Pós-doutorando pelo Programa Acadêmico em Ciências do Cuidado em Saúde pela Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da UFF; Docente do Curso de Graduação em Enfermagem e Pós-graduação em Enfermagem em Obstetrícia.

ABSTRACT: Introduction: Obstetric violence is an issue that involves complex interactions between cultural, social and institutional factors, and its approach requires a multidisciplinary perspective. The inclusion of the perspective of obstetric nurses is essential to develop effective interventions that promote a safe and respectful childbirth environment. **Objective:** To investigate the perceptions of these professionals about obstetric violence. **Methodology:** This study was conducted through a qualitative literature review, with the purpose of gathering and critically analyzing academic productions that address the perception of obstetric nurses about obstetric violence. **Analysis and discussion of the results:** From the reading and analysis of the selected texts, three main categories of discussion emerged: Recognition of obstetric violence in the daily lives of obstetric nurses, Challenges faced in professional practice in the face of the institutionalization of violence, and Strategies and paths indicated for the humanization of childbirth care. **Conclusion:** It is concluded that the humanization of childbirth care and the eradication of obstetric violence depend on a collective mobilization involving managers, health professionals, educational institutions and society itself. It is necessary to transform not only the protocols and physical structures, but also the power relations and values that guide obstetric practice. In this sense, qualified listening, respect for women's subjectivity and the appreciation of care as an ethical and political act should guide all actions aimed at childbirth, ensuring a safe, welcoming and humanized process.

Descriptors: Obstetric Violence. Nursing Vision. Obstetric Nursing.

RESUMEN: Introducción: La violencia obstétrica es un problema que implica interacciones complejas entre factores culturales, sociales e institucionales, y su abordaje requiere una perspectiva multidisciplinaria. La inclusión de la perspectiva de las enfermeras obstétricas es esencial para desarrollar intervenciones efectivas que promuevan un ambiente de parto seguro y respetuoso. **Objetivo:** Investigar las percepciones de estos profesionales sobre la violencia obstétrica. **Metodología:** Este estudio se realizó a través de una revisión bibliográfica cualitativa, con el propósito de recopilar y analizar críticamente producciones académicas que abordan la percepción de las enfermeras obstétricas sobre la violencia obstétrica. **Análisis y discusión de los resultados:** De la lectura y análisis de los textos seleccionados, emergieron tres categorías principales de discusión: Reconocimiento de la violencia obstétrica en la vida cotidiana de las enfermeras obstétricas, Desafíos enfrentados en la práctica profesional ante la institucionalización de la violencia, y Estrategias y caminos indicados para la humanización de la atención del parto. **Conclusión:** Se concluye que la humanización de la atención del parto y la erradicación de la violencia obstétrica dependen de una movilización colectiva que involucre a gestores, profesionales de la salud, instituciones educativas y la propia sociedad. Es necesario transformar no solo los protocolos y las estructuras físicas, sino también las relaciones de poder y los valores que rigen la práctica obstétrica. En este sentido, la escucha cualificada, el respeto a la subjetividad de las mujeres y la valoración del cuidado como un acto ético y político deben guiar todas las acciones orientadas al parto, garantizando un proceso seguro, acogedor y humanizado.

Descriptores: Violencia Obstétrica. Visión de Enfermería. Enfermería Obstétrica.

INTRODUÇÃO

Violência obstétrica é um fenômeno complexo que se manifesta de diversas formas durante o atendimento à mulher no período gestacional, parto e pós-parto, esse conceito

abrange ações e omissões que podem causar sofrimento físico, psicológico e emocional à parturiente, sendo fundamental compreendê-lo no contexto da assistência à saúde, ainda que a violência obstétrica seja amplamente discutida em contextos acadêmicos e profissionais, sua definição precisa e abrangência muitas vezes variam, o que ressalta a necessidade de uma compreensão mais aprofundada e uniforme do tema (Carvalho *et al.*, 2023).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a violência obstétrica como uma violação dos direitos humanos das mulheres, que pode incluir desde tratamentos desrespeitosos e abusivos até intervenções médicas desnecessárias, o conceito envolve práticas que vão desde a negligência até a coerção e a violência física, afetando diretamente a qualidade do cuidado e a dignidade das mulheres, reconhecer e entender essas práticas é crucial para promover um ambiente de parto seguro e respeitoso (Araújo *et al.*, 2023).

No Brasil, a discussão sobre violência obstétrica ganhou destaque nos últimos anos, especialmente com a crescente mobilização de movimentos sociais e profissionais da saúde que buscam humanizar o parto e garantir direitos reprodutivos, diversos estudos apontam que a violência obstétrica é uma problemática frequente nos serviços de saúde, refletindo questões estruturais, culturais e institucionais que permeiam o atendimento obstétrico, a compreensão desse fenômeno requer um olhar crítico sobre as práticas e políticas de saúde vigentes (Ribeiro *et al.*, 2024).

Formar de maneira contínua os profissionais de saúde, especialmente das enfermeiras obstetras, é essencial na prevenção e combate à violência obstétrica, inclusão de conteúdos específicos sobre direitos humanos, ética e humanização do parto nos currículos de enfermagem é uma estratégia essencial para sensibilizar e capacitar esses profissionais, além disso, a educação continuada e a capacitação permanente são ferramentas importantes para garantir que as práticas obstétricas estejam alinhadas com os princípios de respeito e dignidade (Lins *et al.*, 2023).

A violência obstétrica também está intimamente ligada às questões de gênero, revelando como as relações de poder se manifestam no campo da saúde, as mulheres, muitas vezes, são submetidas a práticas que desconsideram sua autonomia e capacidade de decisão sobre seus corpos e processos de parto, essa dinâmica reflete uma cultura de medicalização e controle sobre o corpo feminino, que precisa ser desconstruída para promover uma assistência mais equitativa e respeitosa (Caldas *et al.*, 2023).

Vale destacar que a violência obstétrica não é um problema isolado, mas parte de um contexto mais amplo de violências institucionais e estruturais que afetam o sistema de saúde como um todo, a abordagem dessa questão deve, portanto, considerar as múltiplas dimensões envolvidas, desde as políticas públicas de saúde até as práticas cotidianas dos profissionais, promover uma mudança significativa nesse cenário exige um compromisso coletivo e contínuo com a humanização do atendimento obstétrico e a promoção dos direitos das mulheres (Souto *et al.*, 2022).

Assim, a violência obstétrica emerge como um grave problema de saúde pública e direitos humanos, afetando diretamente a experiência do parto e o bem-estar das mulheres, estudos apontam que práticas desrespeitosas e abusivas durante o atendimento obstétrico são frequentes, incluindo intervenções médicas desnecessárias, uso inadequado de procedimentos e tratamentos que desconsideram a autonomia e dignidade da parturiente, essas práticas não só comprometem a qualidade do cuidado, mas também geram traumas físicos e psicológicos duradouros (Queiroz *et al.*, 2023).

Concomitantemente, a violência obstétrica está relacionada a fatores estruturais e culturais que permeiam os serviços de saúde, a medicalização excessiva do parto, a hierarquia entre profissionais de saúde e a falta de treinamento adequado em práticas humanizadas são citados como elementos que contribuem para a perpetuação desse problema, a invisibilidade da violência obstétrica nos registros oficiais dificulta a mensuração exata de sua prevalência e a implementação de políticas públicas eficazes para combatê-la (Araújo, 2023).

Pesquisas indicam que a falta de sensibilização e capacitação dos profissionais de saúde é um dos principais obstáculos para a erradicação da violência obstétrica, há uma necessidade urgente de revisar as práticas de formação em saúde, incorporando conteúdos que promovam o respeito aos direitos das mulheres e a humanização do atendimento, essa lacuna na formação contribui para a perpetuação de práticas abusivas e desrespeitosas que marcam a experiência de muitas mulheres durante o parto (Carvalho *et al.*, 2023).

Violência obstétrica não se limita a atos explícitos de abuso, mas também inclui formas sutis de desrespeito e negligência, a falta de comunicação adequada, a não obtenção de consentimento informado e a desconsideração das preferências da mulher são exemplos de práticas que configuram violência obstétrica, essas ações refletem uma cultura institucional que prioriza a autoridade médica em detrimento da autonomia da mulher, perpetuando um ciclo de violação de direitos (Souto *et al.*, 2022).

A realização deste estudo sobre violência obstétrica na visão de enfermeiras obstetras se justifica pela necessidade de compreender e combater práticas desrespeitosas e abusivas que ocorrem no contexto do parto e nascimento, esse fenômeno, que afeta diretamente a saúde e a dignidade das mulheres, é uma questão de direitos humanos e saúde pública que exige atenção e intervenção urgentes, tornando-se essencial investigar suas percepções e vivências para identificar pontos críticos e oportunidades de melhoria (Lins *et al.*, 2023).

Os impactos da violência obstétrica não estão apenas na saúde física e psicológica das mulheres, mas também nas suas famílias e na sociedade como um todo, ao explorar as perspectivas das enfermeiras obstetras, este estudo busca fornecer subsídios para a formulação de políticas públicas e estratégias de formação profissional que contribuam para a erradicação dessa prática, compreender como essas profissionais percebem e lidam com a violência obstétrica pode revelar lacunas e desafios no sistema de saúde, bem como apontar caminhos para a construção de um modelo de atenção mais humanizado e inclusivo (Araújo *et al.*, 2023).

A escolha do tema também se justifica pela escassez de pesquisas focadas especificamente na visão das enfermeiras obstetras sobre a violência obstétrica, a maioria dos estudos disponíveis aborda a perspectiva das gestantes ou se concentra em aspectos médicos e legais, deixando uma lacuna importante no entendimento das dinâmicas institucionais e profissionais que perpetuam essa forma de violência, ao dar voz às enfermeiras obstetras, este trabalho pretende enriquecer o debate acadêmico e contribuir para uma compreensão mais ampla e aprofundada do problema (Ribeiro *et al.*, 2024).

Por fim, a violência obstétrica é uma questão que envolve complexas interações entre fatores culturais, sociais e institucionais, e sua abordagem requer uma perspectiva multidisciplinar, a inclusão da visão das enfermeiras obstetras é fundamental para desenvolver intervenções eficazes que promovam um ambiente de parto seguro e respeitoso, este estudo pretende, portanto, não apenas identificar e denunciar práticas abusivas, mas também propor soluções concretas e aplicáveis que possam ser incorporadas nas políticas de saúde e nos programas de formação, beneficiando diretamente as mulheres e a sociedade em geral (Carvalho *et al.*, 2023).

Este estudo oferece contribuições para a prática dos enfermeiros obstetras, ao proporcionar uma compreensão mais profunda sobre a violência obstétrica e suas implicações no cuidado perinatal, ao explorar as percepções dessas profissionais, espera-se identificar práticas abusivas e desrespeitosas, bem como apontar caminhos para a humanização do

atendimento, essa compreensão pode servir como base para a implementação de protocolos que promovam um parto seguro e respeitoso, fortalecendo a atuação dos enfermeiros obstetras na defesa dos direitos das mulheres

Para os enfermeiros generalistas, o estudo fornece insights sobre um problema que transcende o contexto obstétrico, evidenciando a necessidade de práticas humanizadas em todos os campos da enfermagem, a violência obstétrica, enquanto manifestação de desrespeito e abuso, reflete uma cultura institucional que pode estar presente em outros setores da saúde, assim, ao ampliar a conscientização sobre esse tema, o estudo contribui para a promoção de uma cultura de cuidado mais ética e respeitosa, beneficiando a prática de enfermagem como um todo

Os acadêmicos de enfermagem também se beneficiam significativamente das contribuições deste estudo, pois ele fornece uma base teórica e prática para a formação de futuros profissionais, ao incluir a violência obstétrica como tema de estudo e discussão, os programas de enfermagem podem preparar melhor os estudantes para identificar e combater práticas abusivas, promovendo um atendimento mais humanizado e alinhado com os direitos das pacientes, esse conhecimento é essencial para a formação de enfermeiros conscientes e comprometidos com a qualidade do cuidado

68

A sociedade em geral se beneficia das contribuições deste estudo ao promover uma reflexão crítica sobre a violência obstétrica e suas consequências, a sensibilização da população sobre esse problema pode gerar uma demanda por mudanças nas políticas de saúde e nos serviços de atendimento ao parto, fortalecendo a luta por um sistema de saúde mais justo e humanizado, além disso, o empoderamento das mulheres e suas famílias em relação aos seus direitos no contexto do parto é um passo crucial para a transformação das práticas obstétricas e a promoção de um ambiente de cuidado mais seguro e respeitoso.

Este estudo tem como questão norteadora a seguinte indagação: como as enfermeiras obstetras percebem e lidam com a violência obstétrica no contexto de sua prática profissional? Nesse sentido, o objetivo geral é investigar as percepções dessas profissionais sobre a violência obstétrica. Como objetivos específicos, busca-se identificar as formas de violência obstétrica relatadas pelas enfermeiras obstetras e propor estratégias para a humanização do atendimento obstétrico com base em suas percepções.

METODOLOGIA

Este estudo foi conduzido por meio de revisão de literatura de natureza qualitativa, com o propósito de reunir e analisar criticamente produções acadêmicas que abordam a percepção de enfermeiras obstetras sobre a violência obstétrica, o enfoque qualitativo permitiu explorar os significados, interpretações e vivências relatadas nas pesquisas, possibilitando uma compreensão mais aprofundada do fenômeno no cotidiano profissional dessas enfermeiras.

A investigação foi realizada entre os meses de abril de 2024 e abril de 2025, utilizando como fontes as bases de dados SciELO, BVS, PubMed e Google Acadêmico, selecionadas por sua relevância no campo da saúde, para a busca foram empregados os seguintes descritores: “violência obstétrica”, “assistência ao parto”, “parto humanizado”, “enfermeira obstetra” e “cuidado de enfermagem no parto”, combinados com os operadores booleanos AND e OR.

Foram considerados elegíveis os artigos publicados nos últimos 5 anos, nos idiomas português, inglês e espanhol, com acesso gratuito ao texto completo, que apresentassem dados ou reflexões especificamente relacionados à atuação e percepção de enfermeiras obstetras. Excluíram-se publicações repetidas, documentos com abordagem centrada em outras profissões ou que não abordassem diretamente o tema da violência obstétrica

Ao final do processo de triagem, foram selecionados 15 estudos que atenderam aos critérios estabelecidos, o material foi lido na íntegra e submetido a uma análise temática, permitindo o agrupamento dos conteúdos em eixos de discussão que envolvem a identificação da violência obstétrica na prática clínica, os obstáculos enfrentados para combatê-la, e as estratégias sugeridas pelas enfermeiras para promover um atendimento mais humanizado.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a aplicação de inclusão foram selecionados 16 artigos dentre um total inicial de 79 artigos encontrados, encontrados, dos 15 artigos selecionados, 2 foram extraídos da BVS, 5 da SciELO, 2 da PubMed e 6 do Google Acadêmico. Os estudos apresentaram diferentes delineamentos metodológicos, incluindo estudos de campo, revisões integrativas e relatos de experiência, o que enriqueceu a análise e permitiu uma visão multifacetada da temática.

A partir da leitura e análise dos textos selecionados, emergiram três categorias principais de discussão: Reconhecimento da violência obstétrica no cotidiano das enfermeiras obstetras, Desafios enfrentados na prática profissional frente à institucionalização da violência, e Estratégias e caminhos apontados para a humanização da assistência ao parto.

Categoria 1: Reconhecimento da violência obstétrica no cotidiano das enfermeiras obstetras

Revela-se, através da percepção das enfermeiras obstétricas, uma consciência crescente sobre as práticas abusivas institucionalizadas nos serviços de saúde, muitas dessas profissionais reconhecem que a violência pode se manifestar de formas sutis, como a negação do direito à informação, o impedimento da presença de acompanhantes ou a realização de procedimentos sem consentimento, essa vivência cotidiana contribui para a construção de um olhar crítico sobre o modelo de atenção ao parto ainda vigente (Ribeiro *et al.*, 2024).

No ambiente hospitalar, as enfermeiras obstétricas relatam sentir-se frequentemente em conflito entre os protocolos institucionais e os princípios da humanização, apesar de seu compromisso com o cuidado ético e respeitoso, elas identificam limitações impostas por estruturas hierarquizadas e condutas obstétricas medicalizadas que muitas vezes desconsideram a autonomia da mulher, essa tensão compromete a atuação das profissionais e expõe a naturalização da violência nos processos assistenciais (Queiroz *et al.*, 2023).

O Quadro abaixo (Quadro 1) apresenta os principais tipos de violência obstétrica reconhecidos no cotidiano das enfermeiras obstetras, acompanhados de suas respectivas definições, ele visa facilitar a identificação dessas práticas, muitas vezes naturalizadas nos serviços de saúde, para promover um cuidado mais ético, humanizado e respeitoso à mulher.

70

Quadro 1: Tipos de violência obstétrica e suas definições

TIPOS	DEFINIÇÃO
Verbal	Uso de palavras ofensivas, humilhantes ou ameaçadoras direcionadas à gestante, parturiente ou puérpera, causando sofrimento psicológico.
Física	Práticas que envolvem força, contenção desnecessária ou procedimentos sem consentimento, como episiotomia sem necessidade ou toque excessivo.
Psicológica	Ações que causam medo, insegurança, negligência emocional ou intimidação, como ignorar a mulher, desvalorizar sua dor ou recusar esclarecimentos.
Negligência	Omissão de cuidados, demora no atendimento, abandono ou recusa de assistência durante o trabalho de parto ou no pós-parto.
Procedimental / Institucional	Realização de intervenções sem consentimento ou sem indicação clínica, como cesárea desnecessária, uso rotineiro de ocitocina ou restrição da presença de acompanhante.
Sexual	Abusos ou toques inapropriados, comentários de cunho sexual ou invasivos durante o exame ou parto.
Simbolicamente Violenta	Quando o corpo da mulher é tratado como objeto reprodutor, sem considerar suas vontades, cultura ou autonomia.

Fonte: Produção dos autores, 2025.

Uma formação acadêmica e a experiência prática influenciam diretamente na forma como as enfermeiras obstétricas reconhecem e enfrentam a violência obstétrica, pois profissionais com maior preparo em saúde da mulher tendem a identificar com mais clareza situações de abuso e a buscar alternativas humanizadas de cuidado, no entanto, a falta de apoio institucional e a sobrecarga de trabalho são fatores que dificultam a adoção de condutas que rompam com práticas violentas (Araujo *et al.*, 2023).

Muitas enfermeiras obstétricas compreendem que o reconhecimento da violência obstétrica no cotidiano é um passo essencial para transformar a realidade da assistência ao parto, ao nomear e denunciar essas práticas, elas contribuem para o fortalecimento da luta por um modelo de atenção mais equitativo, que valorize o protagonismo feminino, a percepção crítica dessas profissionais é, portanto, uma ferramenta potente na construção de um cuidado obstétrico mais ético e humanizado (Caldas *et al.*, 2023).

Essa percepção crítica, no entanto, nem sempre é suficiente para provocar mudanças concretas, especialmente em instituições onde há resistência à abordagem da temática, algumas enfermeiras obstétricas relatam sentimentos de frustração e impotência diante da persistência de condutas autoritárias por parte de outros membros da equipe multiprofissional, o que evidencia a complexidade do enfrentamento da violência obstétrica, mesmo assim, essas profissionais persistem na sensibilização dos colegas e na busca por práticas mais respeitosas (Nascimento; Souza, 2022).

Além disso, a escuta ativa das parturientes, promovida pelas enfermeiras obstétricas, tem se mostrado fundamental para identificar episódios de violência obstétrica que muitas vezes passam despercebidos pela gestão hospitalar, o acolhimento qualificado permite que as mulheres expressem seus medos, dores e insatisfações, criando um espaço seguro para o reconhecimento da violência sofrida, essa escuta, por sua vez, fortalece o vínculo entre profissional e usuária e contribui para o empoderamento feminino no contexto do parto (Damasceno, 2023).

Portanto, o reconhecimento da violência obstétrica pelas enfermeiras obstétricas não se limita à denúncia, mas se estende à adoção de condutas que valorizam a autonomia da mulher e à promoção de ações educativas voltadas à equipe de saúde, sendo essenciais na desconstrução de práticas historicamente naturalizadas, promovendo uma cultura de cuidado centrado na mulher, assim, sua percepção sobre a violência obstétrica é tanto um diagnóstico da realidade quanto um ponto de partida para sua transformação (Carvalho *et al.*, 2023).

Categoria 2: Desafios enfrentados na prática profissional frente à institucionalização da violência

As enfermeiras obstétricas identificam que a institucionalização da violência obstétrica está fortemente enraizada em práticas rotineiras que normalizam condutas abusivas sob a justificativa de eficiência ou controle médico, muitas relatam dificuldades em romper com protocolos rígidos e verticalizados, que limitam sua atuação e silenciam suas tentativas de promover um cuidado mais humanizado, essa realidade institucional impõe barreiras à autonomia profissional e ao exercício ético da enfermagem obstétrica (Ribeiro *et al.*, 2021).

Outro desafio recorrente está relacionado ao ambiente hierárquico e autoritário presente em diversas maternidades, onde o protagonismo médico frequentemente se sobrepõe à escuta ativa da mulher e à atuação da enfermagem, as enfermeiras obstétricas relatam experiências em que suas intervenções foram desconsideradas ou desencorajadas, especialmente quando defendem a escolha da parturiente ou questionam condutas invasivas, tal contexto contribui para a manutenção de uma cultura de silêncio e omissão frente à violência (Silva; Dullius, 2024).

Nota-se que a falta de formação continuada e de espaços institucionais que promovam reflexão crítica sobre a violência obstétrica também compromete o fortalecimento das práticas humanizadas, as enfermeiras obstétricas apontam que, mesmo cientes das violências presentes no cotidiano, nem sempre recebem apoio para enfrentá-las ou transformá-las, assim, a institucionalização da violência não se dá apenas na prática assistencial, mas também na ausência de políticas efetivas de enfrentamento e valorização da escuta profissional (Souza *et al.*, 2024).

Nesse cenário, muitas enfermeiras obstétricas sentem-se em constante conflito ético, divididas entre cumprir normas institucionais e garantir os direitos das mulheres, essa tensão revela o quanto a institucionalização da violência obstétrica compromete não apenas o cuidado prestado, mas também a saúde emocional e a motivação das profissionais, a percepção de que estão inseridas em um sistema que, por vezes, contradiz os princípios da humanização, reforça a necessidade urgente de mudanças estruturais e do fortalecimento do papel da enfermagem obstétrica na construção de práticas mais respeitosas e centradas na mulher (Lins *et al.*, 2023).

Categoria 3: Estratégias e caminhos apontados para a humanização da assistência ao parto

Humanização da assistência ao parto representa um movimento de resistência às práticas tecnicistas e despersonalizadas que historicamente marcaram o cenário obstétrico,

exigindo uma mudança estrutural nas relações de cuidado, tal processo requer a reformulação dos modelos assistenciais, com foco na escuta ativa, no protagonismo da mulher e na valorização do vínculo entre profissional e parturiente (Sousa *et al.*, 2021).

Para tanto, é imprescindível que as ações estejam fundamentadas nos princípios da integralidade, equidade e respeito aos direitos sexuais e reprodutivos, a atuação multiprofissional, quando integrada e horizontalizada, torna-se um recurso essencial para a promoção de práticas mais éticas e acolhedoras no parto e nascimento, entre as estratégias mais consistentes está a adoção de protocolos humanizados baseados em evidências científicas, que promovam condutas menos intervencionistas e respeitem os tempos fisiológicos do corpo feminino (Lins *et al.*, 2023).

Isso inclui o incentivo à mobilidade durante o trabalho de parto, o acesso à presença de acompanhantes de livre escolha e a oferta de métodos não farmacológicos para o alívio da dor, tais medidas, quando adotadas de forma sistemática, contribuem para a construção de um ambiente de confiança, favorecendo a autonomia da mulher e a sua participação ativa nas decisões sobre o parto, a abordagem centrada na mulher é, assim, não apenas uma diretriz técnica, mas uma premissa ética da humanização (Souto *et al.*, 2022).

Investimento na qualificação profissional contínua e na formação humanizada desde a graduação também se configura como um caminho estratégico para consolidar esse paradigma, profissionais de saúde preparados para reconhecer a complexidade do processo de parto, com domínio técnico aliado à sensibilidade relacional, tornam-se agentes fundamentais da mudança (Caldas *et al.*, 2023).

Sensibilização para os aspectos emocionais e subjetivos da vivência do parto, assim como o entendimento sobre as múltiplas dimensões da violência obstétrica, favorecem intervenções mais éticas e empáticas, programas como a Rede Cegonha e as diretrizes da Política Nacional de Humanização estabelecem parâmetros para reorganizar os serviços, apoiar práticas inovadoras e garantir a participação social no planejamento das ações de saúde (Araújo, 2023).

O Quadro abaixo (Quadro 2) apresenta estratégias e caminhos voltados para a humanização da assistência ao parto, destacando ações que valorizam o protagonismo da mulher, o respeito às suas escolhas e a qualificação do cuidado prestado, essas práticas contribuem para a construção de um ambiente acolhedor, ético e baseado em evidências,

reforçando o papel essencial das enfermeiras obstetras na promoção de partos mais seguros e respeitosos.

Quadro 2: Estratégias para a humanização da assistência ao parto

ESTRATÉGIA	DESCRIÇÃO
Presença de acompanhante de escolha da mulher	Garantir o direito da gestante de ter ao seu lado um acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto, conforme previsto em lei.
Acolhimento e escuta qualificada	Promover um atendimento baseado na empatia, no diálogo e na valorização da experiência da mulher, respeitando suas decisões e individualidade.
Parto com protagonismo da mulher	Incentivar a mulher a participar ativamente das decisões sobre seu parto, promovendo autonomia e respeito às suas preferências.
Ambiência acolhedora e respeitosa	Oferecer um ambiente confortável, seguro e livre de intervenções desnecessárias, promovendo o bem-estar físico e emocional da parturiente.
Capacitação contínua dos profissionais de saúde	Investir em formação e atualização dos profissionais, especialmente das enfermeiras obstetras, com foco em práticas baseadas em evidências e humanização.
Plano de parto	Estimular que a mulher elabore um plano de parto previamente, com apoio da equipe, detalhando seus desejos e limitações quanto aos procedimentos.

Fonte: Produção dos autores, 2025.

Porém, a efetividade dessas políticas, contudo, depende da implementação real nos territórios, com suporte técnico, financiamento adequado e compromisso das gestões locais, a articulação entre os diversos níveis de atenção, especialmente entre a atenção primária e os serviços hospitalares, é indispensável para garantir a continuidade e a integralidade do cuidado, portanto, a consolidação da humanização da assistência ao parto exige uma transformação cultural, política e institucional profunda, que ultrapassa a adoção pontual de práticas isoladas, envolve o reconhecimento da mulher como sujeito de direitos, a reconstrução das relações entre profissionais e usuárias e a valorização de modelos de cuidado baseados na escuta, no respeito e na autonomia (Souza *et al.*, 2024).

CONCLUSÃO

A análise da violência obstétrica sob a ótica das enfermeiras obstetras revela um cenário desafiador, marcado por práticas institucionais que ainda naturalizam intervenções desnecessárias e atitudes desrespeitosas durante o processo de parto, embora a legislação brasileira reconheça os direitos das mulheres ao parto humanizado, muitas profissionais enfrentam barreiras estruturais e culturais que dificultam a implementação de um cuidado

centrado na dignidade e na autonomia feminina, o reconhecimento da violência obstétrica como um fenômeno complexo e multifatorial é essencial para que se avance na construção de práticas assistenciais mais éticas e respeitosas.

As dificuldades enfrentadas pelas enfermeiras obstetras, especialmente em contextos hospitalares marcados por hierarquias rígidas e modelos biomédicos de atenção, evidenciam a necessidade de mudanças profundas nos serviços de saúde, para superar tais obstáculos, é fundamental investir na formação crítica e humanizada dos profissionais, bem como no fortalecimento das políticas públicas que assegurem condições adequadas de trabalho e a valorização da atuação da enfermagem obstétrica, estratégias como a promoção da autonomia da mulher, o incentivo à presença de acompanhantes e a adoção de práticas baseadas em evidências são elementos-chave para romper com padrões de violência e negligência.

Conclui-se, portanto, que a humanização da assistência ao parto e a erradicação da violência obstétrica dependem de uma mobilização coletiva que envolva gestores, profissionais de saúde, instituições formadoras e a própria sociedade, é preciso transformar não apenas os protocolos e estruturas físicas, mas também as relações de poder e os valores que orientam a prática obstétrica, nesse sentido, a escuta qualificada, o respeito à subjetividade da mulher e a valorização do cuidado como ato ético e político devem guiar todas as ações voltadas ao parto e nascimento, ressignificando o cuidado e garantindo um processo seguro, acolhedor e humanizado.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, N.; MARTINS, L.; BENICIO, L.; CAVALCANTI, E. O papel do enfermeiro no enfrentamento a violência obstétrica. **Revista Contemporânea**, v. 3, n. 6, p. 5105-5129, 2023.

ARAÚJO, S. Revisão sistemática: conhecimento dos profissionais de saúde sobre a violência obstétrica. **Revista Brasileira de Revisão de Saúde**, v. 6, n. 6, p. 33014-33027, 2023.

CALDAS, M.; COUTELO, B.; FORO, C.; MIRANDA, A.; VASCONCELOS, V. O desafio de profissionais da área de obstetrícia diante da violência obstétrica. **Revista Contemporânea**, v. 3, n. 6, p. 5512-5526, 2023.

CARVALHO, E.; TOSTA, G.; SOARES, L.; MOREIRA, N.; SILVA, K.; TAVARES, P. Conhecimento de enfermeiros sobre violência obstétrica: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Development**, v. 9, n. 4, p. 13370-13382, 2023.

DAMASCENO, A. **Violência obstétrica: profissionais da saúde, causa e população afetada**. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem)-Instituto de Enfermagem, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Macaé, 2023.

LINS, K.; BRITO, J.; ASSUNÇÃO, A.; SOUZA, M.; SILVA, N.; SILVA, R. Violência obstétrica: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 6, n. 1, p. 1695-1705, 2023.

LIMA, I.; ROCHA, F.; BOTELHO, L.; FIGUEIREDO, E. (Des) Institucionalização da violência obstétrica e implicações do enfermeiro no parto humanizado. **Epitaya E-books**, v. 1, n. 2, p. 09-18, 2021.

NASCIMENTO, R.; SOUZA, A. A assistência do enfermeiro à parturiente no contexto hospitalar: um olhar sobre a violência obstétrica. **REVISA**, v. 11, n. 2, p. 149-162, 2022.

QUEIROZ, E.; LEITE, T.; SOUSA, T.; NASCIMENTO, E. Contribuições dos profissionais de enfermagem na prevenção da violência obstétrica. **Revista Contemporânea**, v. 3, n. 11, p. 21319-21341, 2023.

RIBEIRO, K.; RIBEIRO, T.; DIAS, R.; NETA, M.; LEITE, M.; SILVA, K.; SILVA, R. Caracterização da violência obstétrica na produção científica: uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 4, p. e6604-e6604, 2021.

RIBEIRO, Y.; SILVA, V.; OLIVEIRA, A. A violência obstétrica segundo a visão dos enfermeiros obstetras. **Revista Contemporânea**, v. 4, n. 6, p. e4585-e4585, 2024.

SILVA, J.; DULLIUS, W. Conhecimentos dos enfermeiros sobre a violência obstétrica: uma revisão integrativa. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 7, n. 15, p. e151358-e151358, 2024.

SOUSA, N.; MATOS, K.; SOUSA, P. Violência obstétrica: conceituações sobre sua implicação no parto. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 13, p. e90101321060-e90101321060, 2021.

SOUTO, R.; BRITO, N.; SOUSA, L.; BRANDÃO, J.; DAMASCENO, A.; MELO, E.; GRIMALDI, M. Formas e prevalência da violência obstétrica durante o trabalho de parto e parto: revisão integrativa. **Rev. enferm. UFPE on line**, v.16, n. 1, p.16, 2022.

SOUZA, E.; BORGES, F.; SANTOS, J. Violência obstétrica no brasil: características e efeitos. **REVISTA FOCO**, v. 17, n. 5, p. e5271-e5271, 2024.